



IMPrensa EM FOCO: NOTÍCIAS ANTIGAS, OUTRAS ABORDAGENS (1886-1890)

DANIELLA DE ALMEIDA MOURA*

Machado de Assis (2008) já afirmava que as informações constantes nos jornais antigos não estão nada mortas, pelo contrário, tanto que cada vez que lançamos nosso olhar para os periódicos de outras épocas, novas ideias e questionamentos se apresentam. Nesse sentido, a historiografia sobre a imprensa é um campo bem amplo de discussão, e ao longo dos anos passa por renovações ampliando as perspectivas de análise, passando por trabalhos como "História da imprensa no Brasil" de Nelson Werneck Sodré (1999), publicado em 1966, bem como com pesquisas na virada do século XX para o XXI, que começaram a dar lugar à discussão da imprensa também como objeto de pesquisa, como as desenvolvidas pela pesquisadora Marialva Barbosa (2000) em sua tese intitulada "Os donos do Rio: imprensa, poder e público", entre outros trabalhos da mesma; somadas também a pesquisa elaborada por Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins (1999), sob o título "História da imprensa no Brasil". Enfim, em todos estes citados, a perspectiva de análise ao pesquisar os jornais, não é apenas utilizá-los como meio, mas também como fim, visto que a investigação trata sobre a forma como se organizam, pelos termos que empregam, estratégias de publicação e campos semânticos que delineiam, além do seu teor em si.

Nesse sentido, este artigo busca investigar os jornais paraenses do final do século XIX, com destaque para *A República* e *O Democrata*, a partir de um contexto amplo que vislumbra não só o âmbito local, com o objetivo de analisar sob outra perspectiva alguns aspectos da sociedade e das relações políticas paraenses tecidas no período de 1886-1890, dentre elas: perceber o papel da imprensa neste contexto; identificar suas ideias, valores e projetos; reconhecer os proprietários desses jornais e quem escrevia essas publicações diárias; apontar os assuntos mais pertinentes tratados; identificar quem eram os leitores; analisar a importância dos folhetins e verificar a relação da imprensa com o governo. Portanto, esta abordagem traça uma análise dos jornais para a sociedade paraense, e não o inverso, como acontece na maioria das pesquisas que envolvem estes

* Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia – Universidade Federal do Pará (PPHIST/UFPA). Professora da disciplina História da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC/PA).

periódicos, nas quais geralmente apenas se consulta o jornal para confirmar ou refutar uma determinada ideia.

Os jornais são muito utilizados pelos historiadores nas suas pesquisas, todavia, a maioria usa-os apenas como fonte de pesquisa, geralmente para ratificar suas análises apoiadas em outros tipos de documentação. Ou então, para refutar determinada ideia. Entretanto, agindo dessa forma, pode-se fazer um “uso instrumental e ingênuo que tornava os periódicos como meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas ao bel prazer do pesquisador” (LUCA, 2005: 116). Assim, a ideia aqui é analisar *A República* e *O Democrata* também como objeto de pesquisa.

JORNAL *A REPÚBLICA*: DA MONARQUIA AO NOVO REGIME

A imprensa paraense no término dos anos imperiais já se manifestava sobre a possibilidade de um governo republicano, tanto que o periódico *A República*, iniciado em 1886, já demonstrava este interesse através do seu nome, excepcional e polêmico para a época, como através de seus textos jornalísticos. Enfatizava também seu objetivo enquanto jornal ligado à política, e, principalmente, com aspirações ao governo republicano, na metáfora da divisa estampada na primeira página do referido jornal, a qual descrevia uma frase do escritor francês Victor Hugo que dizia “*Il faut agir, Il faut marcher, Il faut vouloir*” (você tem que agir, você tem que andar, você tem que querer).

Desde que surgiu como Órgão do Clube Republicano, apresentava abertamente suas convicções políticas não só como se constata com o seu nome, como a declaração de expediente que acompanhava todas as publicações, que destacava como uma “Declaração necessária”¹:

Esta folha tem por missão principal: discutir e sustentar a legitimidade e oportunidade do systema republicano federativo no Brazil: pugnar dentro da legalidade monarchica, por todas as reformas que facilitem o advento da democracia.

A linguagem da folha será invariavelmente moderada, Cortez, nunca sendo permitido a redacção tratar de assumptos individuaes.

Na parte ineditorial não serão admittidos artigos assignados ou anonymos, quando escriptos em linguagem virulenta e insultuosa

¹ *A REPÚBLICA*, Belém, p.2, col. 1, 7 set. 1886.

Em 1887 cessou os seus trabalhos, por motivos que pretendo ainda investigar, visto que neste contexto havia muitas dificuldades de se manter um periódico em circulação, sobretudo aqueles cuja função principal não era a reprodução de capital e sim a divulgação de propostas de partidos e grupos políticos. Os republicanos para contarem com um jornal partidário fizeram com que *A República* voltasse a circular com seu primeiro número em 16 de fevereiro de 1890, homenageando na sua capa as imagens de Justo Leite Chermont e Paes de Carvalho, respectivamente governador do Estado do Pará e Chefe do PRP.

Era comercializado através da venda de número avulso (60 réis) e também exemplares atrasados (200 réis)². Bem como assinaturas na capital (5\$000), no interior e provinciais (6\$000), que deviam ser pagas de forma adiantada, assim como as publicações que eram feitas à pedidos de particulares.

Na sua segunda época, *A República* era órgão do Partido Republicano Paraense. Seus redatores políticos eram Raimundo Martins, Manoel Barata, Theotonio de Brito e Martins Pinheiro. Seus trabalhos seguiram até 1897. Com vistas a favorecer seu partido, “através da vantagem de estar à frente da administração do Estado, operava com o uso dos expedientes públicos” (FARIAS, 2005: 88). Representavam o governo, defendendo sua legitimidade e tentando cumprir as promessas que haviam se proposto a colocar em prática quando assumissem o poder.

O DEMOCRATA: OUTRA VOZ REPUBLICANA

O Jornal *O Democrata* é criado neste contexto do final do século XIX. Era órgão do Partido Republicano Democrata, surgiu logo após a Proclamação da República, assumindo o lugar do então *Liberal do Pará*, exatamente no terceiro dia seguinte a aclamação e posse do Governo Provisório. Seus integrantes eram políticos, na sua maioria liberais e alguns conservadores, que queriam garantir seu espaço de poder no novo regime político (FARIAS, 2016: 50). Na sua segunda edição *O Democrata* destaca que “mudada a forma de governo, os partidos, que militavam no regime decahido, tiveram de desaparecer ante o facto consummado para constituírem novas agremiações sob a bandeira de novos programmas (...)”³. Seus redatores vão mais além enfatizando que “A

² Estas informações apresentavam-se na primeira página do jornal diariamente

³ O DEMOCRATA. Belém, p.1, col.1, 3 jan. 1890.

ninguém perguntamos de onde vem; o que interessa saber, e para onde se dirigem, que pensamento político os guia e quais os seus intuitos patrióticos”. Este discurso é para justificar a adesão ao PRD de Samuel Wallace Mac-Dowell, diretor do antigo Partido Conservador, que enviou a redação deste jornal um manifesto assinado por membros efetivos e suplentes do Diretório do Partido Conservador, no qual “ressalvada a dignidade pessoal de todos os seus amigos, declararam aderir à nova ordem de cousas e suspender a publicação de seu órgão na imprensa ‘O Comércio do Pará’”⁴.

Foi um jornal de circulação diária, que começou suas atividades em 01/01/1890, tendo como seu término o ano de 1895, por motivos que busco compreender a partir de outras pesquisas. Com escritório e tipografia situados no mesmo endereço, no Largo das Mercês nº7. Apresentava em sua capa a divisa “Res Populi, Res publica”, cujo significado é “coisa do povo, coisa pública”. Era um jornal vendido tanto por assinaturas na capital (trimestral 5\$000 e anual 20\$000) e no interior (trimestral 6\$000 e anual 22\$000) como de forma avulsa (60 réis), ambos realizados com pagamentos adiantados. Com circulação na capital e no interior do Pará.

Sua direção era formada pelos chefes do extinto Partido Liberal (daí sua tendência à oposição), redigido por Américo Marques Santa Rosa. Na sua primeira edição destacou a imagem do seu presidente do Diretório do Partido Republicano Democrático, Vicente Chermont de Miranda.

O PRD “preocupava-se em denunciar o jogo político do governo (...), apontando suas práticas políticas como medidas arbitrárias”(FARIAS, 2005: 88), ou seja, simbolizava a oposição, que se propunha pôr às claras os bastidores do governo, comumente, criticando-o. Expunham suas opiniões no jornal *O Democrata*, representante maior da aversão aos discursos dos integrantes do PRP.

DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES ENTRE OS DIÁRIOS REPUBLICANOS

A partir da Proclamação da República e sua Aclamação no Pará, *A República* e *O Democrata* foram implacáveis em publicar artigos, imagens, notas a favor ou contra o governo. Travaram disputas diárias com textos excessivamente repletos de intrigas, polêmicas e exaltações a

⁴ O DEMOCRATA. Belém, p.1, col.2, 3 jan. 1890.

suas opiniões⁵. Sendo que suas atividades se intensificavam durante as eleições⁶ e nas comemorações de datas cívicas⁷.

Geralmente apresentavam informações controversas, uma vez que os interesses políticos de cada redação falavam mais alto e teciam a relação de poder daqueles que apoiavam ou não o governo republicano. Por este motivo, era comum que os jornais estivessem atrelados a partidos políticos. Cabe a essa pesquisa apresentar os diferentes projetos para interpretá-los, e não tomar como verdade uma ou outra visão defendida por quem escrevia estes jornais.

De acordo com Carlo Ginzburg (2007: 287), não há discursos neutros, logo os jornais “devem ser lidos como produtos de uma relação específica, profundamente desigual. Para decifrá-los (...) devemos aprender a desembaraçar os fios multicores que constituem o emaranhado desses diálogos”. Isto é, investigar minúcias dos jornais desde quem era seu proprietário até qual o interesse em colocar na primeira página esta ou aquela notícia, já que se relacionam neles valores e interesses de um grupo específico.

Marc Bloch (2001) avalia que “o vocabulário dos documentos não é, a seu modo, nada mais que um testemunho: precioso, sem dúvida, entre todos; mas, como todos os testemunhos, imperfeito; logo, sujeito à crítica”. Nesse ponto de vista, a investida nos documentos deve ser efetivada visando à análise da imprensa no contexto do final do século XIX, mas, acima de tudo, com o intuito de perceber as ideias e os interesses de quem os produziu.

As práticas jornalísticas do final do século XIX visavam também a criação de um consenso, representavam o intermediário entre o público leitor e o poder, revelando-se importantes no processo de construção da República, visto que:

(...) A imagem do poder também está presente nos textos impressos, difundindo muitas vezes uma ideia de eficiência. Por outro lado, fazer-se compreender é fundamental para os grupos dominantes. E para isso não basta a imposição de normas sociais nas ruas: é preciso um discurso que unifique normas, padrões, valores a serem inculcados ou disseminados. E a imprensa cumpre essa missão (BARBOSA, 2000: 3)

⁵ Sobre as ações e o trabalho da imprensa nessa época ver FARIAS, William Gaia. *A Construção da República no Pará (1886-1897)*. Tese de Doutorado. Niterói, agosto/2005. Principalmente o capítulo 2 intitulado “Disputas políticas: entre textos e agressões”.

⁶ Cf. FARIAS, William Gaia. *Em nome da República: imprensa, eleições e deportações no Pará republicano*. Congresso Internacional de História. Maringá, Paraná, 2009. Acesso em 11/07/2016. Disponível em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/572.pdf>

⁷ Cf. MOURA, Daniella de Almeida. *A República Paraense em Festa (1890-1911)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

Apesar dos jornais paraenses, *A República* e *O Democrata*, serem adversários, de alguma forma apresentam coerência de pensamentos entre si? Marialva Barbosa sublinha que os periódicos dos finais do século XIX e início do XX, podem ter um ideário comum a partir de questões que norteiam aspectos relacionados, especialmente, com a modernidade e com a valorização da ciência a partir de ideias evolutivo-positivista, que garantem a ciência “a missão de condutor dos pensamentos e das ações da população – que deve se submeter as novas normas de conduta, alcançando a civilização e progresso – a idealização de uma nação, identificando-se suas diferenças, para a partir daí estabelecer uma unidade(...)” (BARBOSA, 2000: 57)

Diariamente, ambos tratam destas temáticas em seus jornais, porém a partir de um levantamento preliminar, percebe-se um destaque mais expressivo em *A República*, pelo fato talvez de ser o jornal defensor das ideias do novo governo, como na publicação de 23/03/1890 ao afirmar que:

Todo o nosso trabalho no presente consiste em preparar o futuro, e para isso faz-se preciso que todos os brasileiros se convençam de que a epocha das ficções e dos machievalismo está passada, sendo necessário tudo de real e positivo para servir de norma às relações da vida commum.

É preciso mostrarmos ainda mais a nossa energia, tomando toda a iniciativa no progresso moral e material do Estados Unidos da America do Sul, começando por extirpar, de uma vez, todos os abusos, erros e vícios que nos deixou de herança a monarchia decahida⁸

Neste periódico governista era comum em suas matérias o estabelecimento de uma tríade envolvendo o novo regime político, liberdade e progresso, que revelam ser um novo tempo, distante daquele estabelecido pela outra combinação do antigo regime formada pela vinculação entre as ideias de Monarquia, escravidão e atraso. Maria Tereza Chaves de Mello afirma que “para colocar o país no ‘nível do século’ era necessário renovar – ou suprimir – as instituições monárquicas, o que significava atingir o seu sistema simbólico através da cultura” (MELLO, 2007: 121). Neste contexto, afirma Mello, que ocorreu a aversão a tudo que era ligado ao romantismo, ampliando à esfera pública, onde “(...) tudo foi submetido à critica, palavra que emprestava dignidade a qualquer discurso” (MELLO, 2007: 121). Assim, a crítica era sinônimo de cientificismo, discussões muito latentes na época.

⁸ A REPÚBLICA. Belém, nº 32, p.1, col.1, 23 mar. 1890.

Examinando a partir de outra perspectiva, Barbosa considera também que o jornal cunha a imagem de opositor destemido, que ora se dirige ao adversário, ora ao público, de modo a apossar-se de sua simpatia, audiência, aprovação e fidelidade, enquanto consumidor daquela publicação (BARBOSA, 2000: 164).

A função da imprensa, neste contexto inicial da República paraense, apresenta-se como um campo do poder simbólico, uma vez que desempenha o seu papel político de instrumento de imposição ou de legitimação da dominação, que colabora para afirmar o poder de um grupo sobre outro. Assim sendo, os jornais revelam-se como “construtores de relações sociais, divulgadores de propostas políticas e discursos” (FARIAS, 2005: 35). Bourdieu pondera que os diferentes grupos e frações de grupo estão envolvidos numa luta propriamente simbólica para impor a definição do mundo social conforme seus interesses (2002: 11).

A existência de diferentes partidos e tendências políticas serviram de estímulo ao embate de posicionamentos e projetos sociais muito diversos (FIGUEIREDO, 2005). Dessa forma, representou a forma encontrada pelo PRP e PRD, de exporem nos seus respectivos jornais, suas ideias. É neste contexto que se pode afirmar que a imprensa paraense assume o papel de espaço de luta política, destacando-se como o principal meio de divulgação de ideias e propaganda partidária, além da manifestação de intelectuais. Variados eram os papéis e funções daqueles que escreviam, incluindo nesta diversidade, literatos, articulistas e políticos. Ressalta-se que a intriga entre esses periódicos era intensa e marcou acaloradas discussões durante anos, visto que “para os republicanos históricos a linguagem da imprensa democrata era vulgar, uma vez que menosprezava os ícones da República, ao passo que exaltava homens que nada teriam contribuído para a construção do novo regime (...)” (FARIAS, 2005: 80).

As exibições de representantes políticos, com postura imponente e altiva, eram comuns, fato que pode ser observado na capa do Jornal *A República* no dia 7 de Setembro de 1890, que apresenta a imagem dos seus principais políticos⁹. Além também de simbologias republicanas como bandeiras, brasões, retratos de chefes políticos, principalmente, estampados na primeira página dos jornais da época. Portanto, de forma cotidiana, as ideias de cada partido eram narradas de maneira

⁹ Os políticos homenageados eram: ao centro José Paes de Carvalho seguido ao redor por Pedro Leite Chermont, José Teixeira da Matta Bacellar, Manoel de Mello Cardoso Barata, Raymundo Nyna Ribeiro, José Ferreira Cantão, Innocêncio Serzedello Correa, Major Antonio Nicolao Monteiro Baena, Lauro Sodré e por fim o Capitão-Tenente Arthur Índio do Brasil e Silva.

harmônica, sinônimo de perfeição e igualdade, quando quem escrevia era do jornal aliado; por outro lado, ofensas eram lançadas pelos adversários políticos, criando uma intensa batalha de versões e de simbologias.

Analisando este contexto, percebe-se que os intelectuais se ligavam aos jornais e partidos, que se fundiam, cuja missão a desenvolver era a concretização de uma nova hegemonia a partir da repetição constante dos mesmos argumentos, variando literariamente a sua forma, já que a repetição é o meio mais didático e eficaz para agir sobre a mentalidade da sociedade (GRAMSCI, 1991).

Ao fazer leituras e interpretando as linhas e as entrelinhas desses periódicos notam-se mudanças nas suas estruturas logo no início do regime republicano, por dois motivos a considerar: o primeiro, pode ter relação com as transformações que o próprio jornal vai passando a partir de novas aquisições técnicas e tecnológicas, propiciadas pelo contexto econômico da época, que vão possibilitar que a impressão possa ser mais rápida, eficiente e em quantidade maior, tonando-se os jornais verdadeiras empresas.

O segundo, por questões políticas estratégicas, visto que, por exemplo, O jornal *A República*, reconhecidamente ligado ao governo da situação, que teve duas épocas, apresentava-se inicialmente com quatro colunas sendo que as informações da capa destinavam-se a anúncios diversos, a informações do comércio, leilões. Tendo a segunda e a terceira páginas com matérias voltadas para a política e a última novamente designada aos anúncios diversos. De forma geral, o folhetim vinha disposto na segunda ou terceira página. Todavia, na sua segunda época, em 16 de fevereiro de 1890, inaugura a edição se utilizando de imagens dos chefes políticos do PRP. Além disso, em vez de quatro colunas, apresenta-se agora com seis, sendo que os anúncios e informações do comércio ficaram para as últimas páginas, deixando em destaque para as primeiras folhas notícias sobre a política. Sendo que os folhetins passaram a estar dispostos geralmente na primeira página. Nesse sentido, quais as intenções dessas alterações?

Os anúncios, apesar de dispostos em segundo plano, visto que passaram a ser citados na terceira e quarta página, não deixaram de revelar sua importância, como pontua Barbosa, ao frisar que “os anúncios que divulgam – editais de bancos, remédios para mulher, companhias de navegação, (...) de pianos, elevadores, entre os mais frequentes, particulariza o jornal como sendo preferencialmente destinado a leitores homens e mulheres de melhor posição social” (BARBOSA,

2001: 187). Nesse sentido, com base nestas informações já se pode ter uma noção breve de quem eram os leitores desses periódicos.

Quais outros assuntos eram publicados nestes jornais, fora os assuntos relacionados às questões políticas? Inicialmente, percebe-se que no Jornal *A República*, as notícias em destaque são, em especial políticas, vez por outra de uma forma perspicaz, em muitos casos sem título, expõem algumas histórias inusitadas principalmente ligadas à violência. Além disso, nos anos iniciais expõe “Notas policiaes” que tratam de alguns crimes, mas sem longas descrições. Assim como, noticia ocasionalmente poesias.

O Democrata, de maneira bem mais acentuada, a partir de uma leitura preliminar sobre o período analisado, evidencia com mais frequência matérias sob os títulos “tentativa de suicídio”, “Afogado”, “Espancamento”, “Gatuno”, “Briga”, enfim, que tratam de assuntos ligados a violência, que conforme o tempo, vão se tornando mais corriqueiras, o que segundo Marialva Barbosa, é uma estratégia que objetiva conquistar um maior numero de leitores (BARBOSA, 2001: 12).

Neste contexto, folhetins tornam-se presenças marcantes em quase todos os exemplares dos periódicos pesquisados, através da publicação de textos de escritores internacionais como Vitor Hugo, Georges Ohnet, Alexis Bouvier, entre outros, que começam a ganhar espaço e destaque na maioria das vezes na primeira página do jornal. Qual o papel desses folhetins? Era acessório ou também tinha uma relevância política? Ou seria apenas mais um recurso na tentativa de ampliar o público leitor? Maria Tereza Chaves de Mello considera que “o público foi conquistado para a literatura através dos folhetins, os maiores atrativos dos jornais. Chegou a ser um hábito nacional reunir a família para ouvir a leitura deles e de romances, haja vista o analfabetismo da maioria da população brasileira de então” (MELLO, 2007: 119).

É importante frisar que nesta conjuntura de transformações política, econômica e social do final do século XIX¹⁰, as mudanças vão mais longe, perpassando também pelo público e pelo seu gosto literário. Mello pontua que “O romance romântico destinava-se às mulheres (...) seguido dos estudantes, para ocupar seus lazes. A essa clientela (...) vieram a se acrescentar novos leitores, que exigiam outros temas ou novo tratamento de velhos e eternos assuntos” (MELLO, 2007: 116). É

¹⁰ Cf. SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. 2ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.

nesse contexto, que o naturalismo ganha espaço nos folhetins, como um mecanismo científico de discussão das transformações de ideias e de comportamento desta época.

Assim, a partir de um levantamento preliminar nos jornais objeto deste artigo, a hipótese inicial é que *A República*, provavelmente, teve um alcance maior de público, por algumas razões, tais como, por estar vinculado ao governo; por ter circulado por mais tempo que *O Democrata* (de 1886-1897, enquanto que este último terminou em 1895); além de também ter dado início as suas atividades ainda durante o regime monárquico, ideias estas que serão averiguadas em estudos posteriores.

Mesmo apresentando muitas diferenças, *A República* e *O Democrata*, principalmente no âmbito político, é possível considerar a partir de uma investigação prévia que ambos apresentam algumas similaridades desde a estrutura de apresentação do jornal, como a presença dos folhetins, a inserção crescente de notícias sensacionalistas e discussão de temas ligados à ciência e a modernidade.

Analisar o jornal como fonte e objeto de pesquisa tem sido uma tarefa para poucos historiadores. Este artigo representa um exercício inicial da pesquisa e análise dos periódicos paraenses *A República* e *O Democrata*, que expressam visões de mundo da sociedade do final do século XIX e que podem ser levantadas e estudadas a partir da análise dos diários paraenses deste contexto. As notícias podem ser antigas, dado o período estudado, mas as abordagens são outras, o que demonstra que estes jornais são “a própria vida em ação”(ASSIS, 2008: 273), fato que possibilita ampliar as perspectivas sobre a imprensa oitocentista.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Bons dias!* Introdução e notas: John Gledson. 3ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vícios de leitura. 2000.

- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FARIAS, William Gaia. *A construção da República no Pará (1886-1897)*. Tese (Doutorado em História Social). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2005.
- _____. *Em nome da República: imprensa, eleições e deportações no Pará republicano*. Congresso Internacional de História. Maringá, Paraná, 2009. Acesso em 11/07/2016. Disponível em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/572.pdf>
- _____. *A construção da República em Construção*. Belém: Açáí, 2016
- GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.
- LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: Editora FGV: Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Eduar), 2007.
- MOURA, Daniella de Almeida. *A República Paraense em Festa (1890-1911)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. 2ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Mauad, 1999.